

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



HISTÓRIA DA ARTE IV

***Modernidade:
os primeiros cinquenta
anos do século XX e
prenúncios do Pós-
Modernismo.***

Anita Malfatti, A boba, 1915-16.

O advento da Modernidade proporcionou diversas transformações estéticas no contexto da Arte Visual. A ruptura instaurada pelas investidas Modernas ou Modernistas, enfraqueceram e destituíram a hegemonia alcançada pela tradição clássica até o século XIX, representada, naquele momento, pelas Belas Artes.

Os primeiros cinquenta anos do século XX marcaram tais transformações e, mais que isto, definiram novas estratégias discursivas e poéticas para a Arte Visual na contemporaneidade. Não há como ignorar que as modificações de caráter técnico, estéticos e conceituais definiram os rumos para a Arte que hoje é praticada.

É neste alinhamento que esta disciplina será orientada.

EMENTA:

Estudo da teoria e da produção em artes visuais na primeira metade do século XX, no mundo ocidental e oriental, em consonância com os aspectos técnicos, tecnológicos, políticos, sócioeconômicos e culturais. Abordagem da influência da arte africana na arte moderna europeia.

Bibliografia Básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOMBRICH, E.H. A História da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

STANGOS, Nikos. Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1995.

Bibliografia Complementar:

BAUMGART, Fritz. Breve História Da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FER, BRIONY et al Realismo, Racionalismo, Surrealismo: a arte no entre Cavernas. São Paulo: Cosac e Naify, 1998.

KRAUS, R. Caminhos da Arte Moderna . São Paulo: Martins Fontes, 1998.

***Moderno ou
Contemporâneo: no que
acreditar?***

Contemporâneo parece ser o mesmo que nosso tempo, tempo atual.

Pode-se refletir até quando é necessário recuar no tempo para estabelecer um referencial plausível entre a Arte que passou e a que se pratica hoje em dia.

Contemporâneo para a História se refere a um período de tempo delimitado entre acontecimentos que sejam relevantes para nossa compreensão.

Na abordagem histórica aqui utilizada, a Idade Contemporânea se inicia a partir da Revolução Francesa, portanto, em 1789, neste caso, esta "contemporaneidade" já dura mais de cem anos. Neste sentido, é fácil perceber que a Arte Visual não se manteve formalmente constante neste tempo todo, muitas transformações ocorreram entre a Tradição e o Modernismo.

Para melhor entender este momento, é necessário ponderar sobre várias questões que ocorreram neste tempo, por um lado, aquelas que tratam da Historicidade no contexto da Arte Visual e por outro aquelas que tratam das poéticas e transformações conceituais empreendidas pela Arte nesse período.

1

***Considerações sobre
História e
Contemporaneidade***

Ao abordarmos o ser humano por meio das teorias que o explicam devemos fazer algumas considerações à respeito delas neste caso, em especial, a História.

Do grego, esta palavra se refere à pesquisa, à investigação que explora o conhecimento sobre a humanidade no tempo e no espaço.

Portanto, todas as manifestações realizadas pelo ser humano capazes de serem abordadas como “fontes”, ou seja, testemunhos de ocorrências em quaisquer períodos, podem se tornar objetos de estudo seja da história propriamente dita ou de outras ciências como a arqueologia, sociologia, antropologia com as quais ela dialoga e convive.

Contudo, a História não é o recenseamento ou ajuntamento de ocorrências no tempo e no espaço, mas sim a tentativa de conhecer seus sentidos e significados. Uma manifestação artística não é menos importante do que outras como as científicas ou filosóficas, todas elas contribuem para que nossa capacidade de conhecimento sobre o ser humano e o mundo que o cerca se amplie.

Tudo o que se diferencia da Natureza é, em síntese, Cultura, logo, todas as apropriações, transformações, modificações ou construções, sejam intelectuais ou materiais que o ser humano realiza ou produz diz respeito ao conhecimento como um todo, portanto, tudo é *significante, significado e produz sentido*.

Para isto entende-se que a abordagem da História da Arte recorta, do universo de condutas e comportamentos humanos, aqueles que se referem às *manifestações de caráter estético* e, neste caso também *visuais*, que ocorreram ao longo do tempo nas diversas regiões do globo chamadas de Períodos, Estilos, Escolas, Movimentos, Tendências.

Tais manifestações visuais incluem, além das grafias, incisões, desenhos, pinturas e esculturas também os monumentos, constituídos pelas ordenações construtivas desde as paredes das cavernas passando pelos aparatos megalíticos, os túmulos, catacumbas, templos, palácios, castelos, residências e demais ocorrências que também serviram de apoio ou suporte para interações visuais que ocorreram ao longo do tempo.

Outra questão relevante nesta disciplina é o hábito de marcar um percurso para trabalhar em torno da história. Neste caso o percurso recorrente é o temporal, ou cronológico. Os estudiosos delimitam marcos que podem ser acontecimentos relevantes da humanidade num dado local ou período e o tomam como pontos de referência, encontro de teorias, conceitos, leituras e interpretações para sua compreensão. Assim se define o que comumente se chama Linha do Tempo.

A historiografia de caráter linear e temporal “Positivista” foi introduzida no século XIX por Augusto Comte e orientou boa parte dos estudos científicos a partir dali. Esta é usada como referência para organizar o percurso de leitura com foco na História da Arte. Assim temos inicialmente dois momentos: um primevo, ou seja, Pré-Histórico e outro posterior: Histórico.

Durante muito tempo o hábito de considerar as primeiras manifestações humanas como anteriores à História, chamado de período Pré-histórico, se justificou por considerar que o marco inicial da História seria o surgimento da Escrita que, por sua vez, garantiria a existência de documentos que relatavam as ocorrências humanas e que seriam as *fontes primárias* para os estudos historiográficos.

O interesse pelos vestígios materiais de antigas civilizações foi reforçado e expandido a partir dos séculos XV e XVI, no chamado Renascimento Italiano período no qual muitas coleções de objetos do passado passaram a ser valorizadas. Entretanto o grande marco da pesquisa sobre o passado veio da iniciativa de Napoleão Bonaparte, quando de sua atuação no Egito, a partir de 1789.

Os pesquisadores franceses, em torno de 175 pessoas, publicaram em 1809 o livro ilustrado “Descrição do Egito”, no qual relatavam os conhecimentos obtidos por meio de suas pesquisas. Mas apenas em 1822 é que Jean-François Champollion consegue decifrar os hieróglifos egípcios contidos na Pedra de Roseta.

Portanto, a descoberta de documentos escritos inaugura a primeira fase da História propriamente dita, considerada então com História Antiga, ou Antiguidade e se torna então o segundo estágio dos conhecimentos sobre a cronologia humana, sendo a Pré-história o primeiro. A terceira fase passa a ser a Medieval, a quarta a Moderna, a quinta é a Contemporânea.

A Idade Contemporânea é delimitada temporalmente a partir da Revolução Francesa, 1789.

Este período contém, praticamente, o final do século XVIII, o século XIX, o século XX e o século XXI até a atualidade.

Inicialmente é orientada pelo pensamento Iluminista, que tomava a ciência como parâmetro para o desenvolvimento social e intelectual.

Posteriormente, a expansão industrial promoveu o desenvolvimento econômico do Capitalismo e de sua contraposição ideológica o Socialismo.

É marcada pelos conflitos como as duas grandes Guerras Mundiais, os embates entre riqueza e pobreza, os desastres ecológicos, o desenvolvimento tecnológico, digital, midiático e da rede mundial de computadores.

No campo da Arte Visual, este período compreende o final do século XVIII, nos quais os estilos ou escolas Barroca e Rococó são dominantes. O Século XIX no qual várias escolas surgiram como o Neoclacissismo, o Realismo, Romantismo, Impressionismo e os princípios do Expressionismo e da Modernidade.

No século XX, os desdobramentos da Modernidade e suas consequências conceituais. Os primeiros cinquenta anos do século XX marcaram praticamente todas as demais manifestações artísticas posteriores já que, as atitudes estético/expressivas dialogavam continuamente com as diferentes tendências e estilos, fossem eles do passado ou do presente.

Este diálogo atemporal resulta no que chamou-se Pós-Modernidade, ou seja, uma conjunção de fatores, comportamentos e atitudes que passaram a se manifestar na arte e na sociedade fazendo com que olhássemos para estes primeiros cinquenta anos do século XX, de um modo mais apurado e distintivo. Neste caso devemos olhar para este momento como um período de transição.

Esta transição considera o abandono do Projeto Pedagógico Clássico, constituído com base no modelo das Academias, nascidas na Itália, no Renascimento e a expansão para o contexto europeu e suas colônias, especialmente a partir das Academias de Belas Artes da França e ruptura com este modelo a partir do século XIX.

O Ensino Clássico tinha por meta a formação destinada ao desenvolvimento das habilidades necessárias aos produtores de imagens, ou seja, os artistas que idealizavam, projetavam, construíaam e realizavam as Obras de Arte naquele tempo, fossem as edificações ou sua ornamentação, incluindo aí a pintura e a escultura.

Enquanto que, até a Idade Média, a formação era exclusivamente técnica e promovida no contexto dos ateliers das Guildas ou Corporações de Ofício Medievais, a partir do Renascimento, esta formação passa a ser realizada por meio das Academias que acrescenta a ela uma formação Humanística. Dando espaço para a filosofia e as letras.

Mesmo que os produtores de Arte se tornassem mais ilustrados em relação ao contexto histórico-filosófico, o preparo técnico realizado nos ateliers permanece prioritário, os estudos de modelos clássicos de base greco-romana, da anatomia, de modelos vivos, da observação e reprodução do visível e o adestramento das habilidades motoras permanecem como suas principais metas.

Nesse sentido, o processo de criação e inventividade era menos importante do que a habilidade de representação imagética.

Este modelo de ensino-aprendizagem dura até o século XIX, quando os artistas passam a contestar estes valores e a reivindicar para a Arte, maior autonomia conceptiva e criativa. É quando ocorre a ruptura entre o Clássico e o Modernista.

Até o século XIX, em especial em Paris, França, a maior consagração para os artistas era a participação dos Salões realizados no Louvre.

Esta participação era concedida, principalmente, àqueles que frequentavam a Academia de Belas Artes, subvencionada pelo império. Obviamente os artistas que não faziam parte deste contexto, ficavam sempre fora deste certame.

Por insistentes apelos ao imperador Napoleão III, criou-se uma opção alternativa que veio a ser conhecida, pejorativamente, como Salão dos Recusados.

O acesso público a estes salões era pela curiosidade que revelavam por serem obras não credenciadas pelo sistema, logo, eram motivo de chacota e crítica severa. Por outro lado, acabou por motivar outras exposições relevantes como a do Impressionismo.



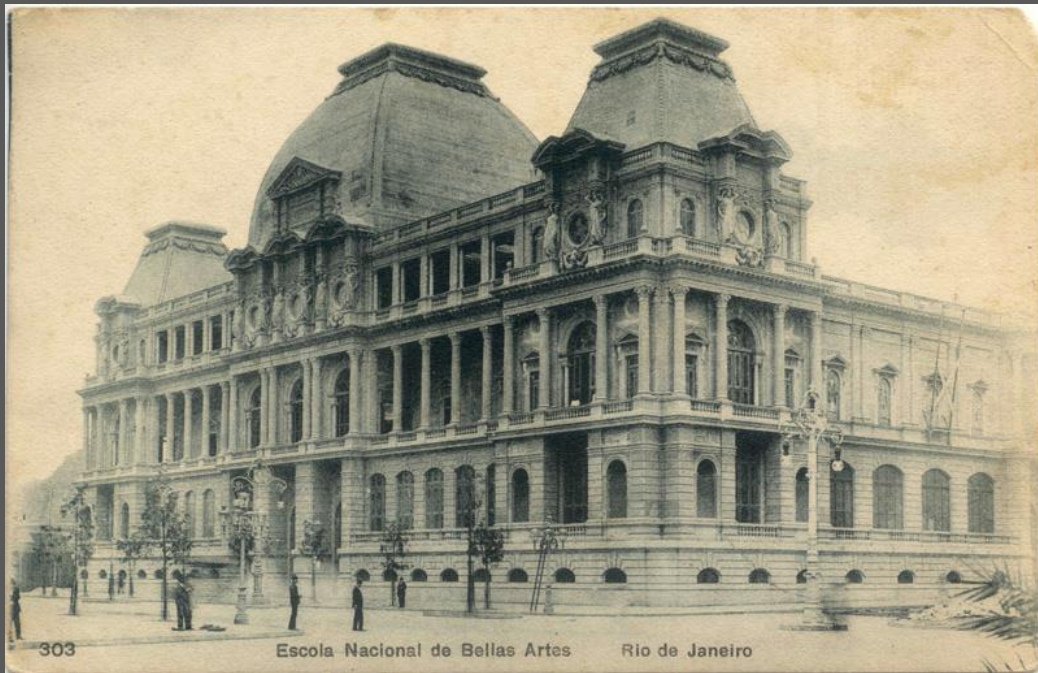
Charles X Distributing Awards to Artists Exhibiting at the Salon of 1824 at the Louvre Heim, Francois-Joseph (French Painter, 1787-1865) 1827 - Musée du Louvre, Paris

Nesta imagem temos uma noção de como se realizavam as mostras e premiações naquele período.



Hemicycle of the Ecole des Beaux-Arts 1814, oil on canvas.
Ecole des Beaux-Arts, Paris, France Paul Hippolyte Delaroche
France, Academic Classicism

Aqui vemos o tipo de obras que eram apresentadas na época



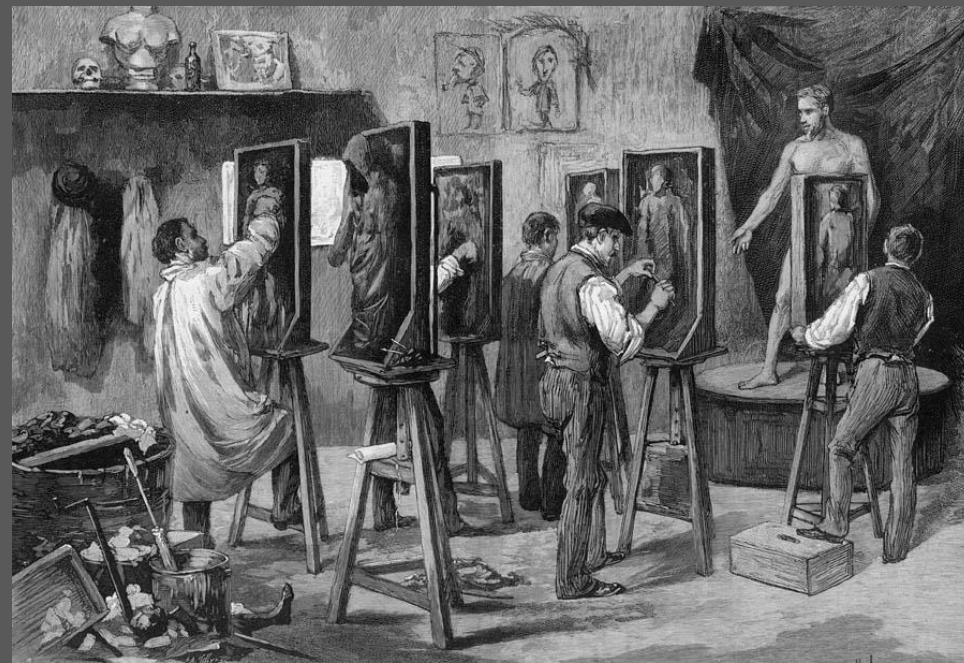
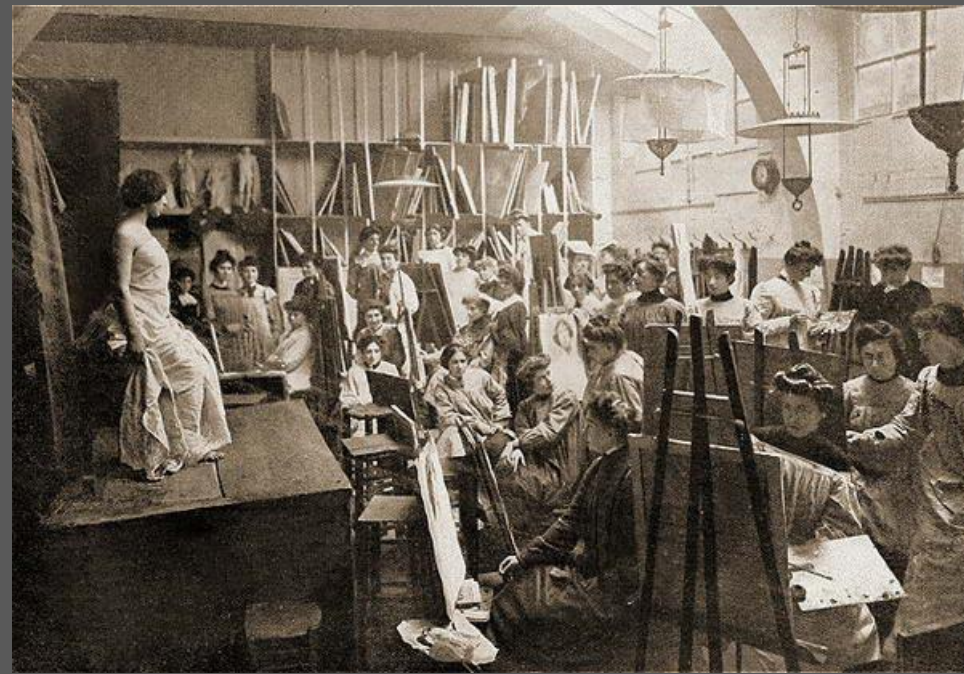
Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil

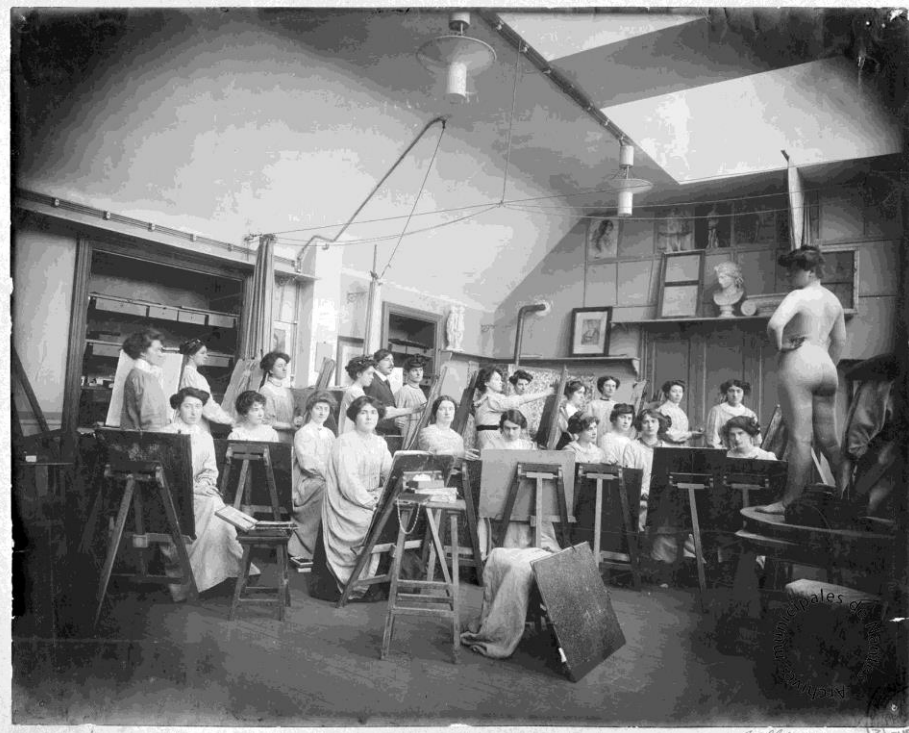


Nestas fotos
temos
imagens que
correspondem
ao clima
típicos dos
ateliers de
formação nas
Belas Artes.



Мастерская И.Е. Репина. Постановка природы. 1897 - 1898 гг.

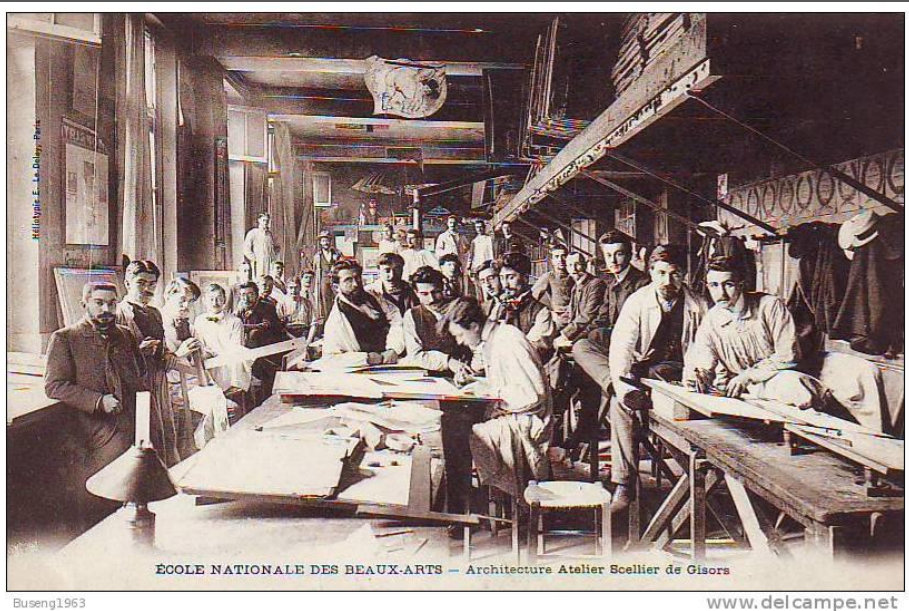




1. Ecole des Beaux-Arts
Atelier Scellier de Gisors & Defrasse

Buseng1963

www.delcampe.net



ECOLE NATIONALE DES BEAUX-ARTS — Architecture Atelier Scellier de Gisors

Buseng1963

www.delcampe.net



Pode-se considerar o surgimento de um novo modelo, a partir do que podemos chamar de ruptura Modernista.

Constatamos que esta ruptura pode ser identificada a partir de alguns pontos:

- . O Salão dos Recusados, criado em 1863 por Napoleão III na França.

- . O surgimento do Impressionismo em 1874 em Paris, na França.

- . A oposição ao Impressionismo, na Alemanha em fins do século XIX e início do séculos XX, chamada de Expressionismo.

- . As escolas de Artes Plásticas do Grão Duque Ernest Ludwig de Hessen, em Darmstadt na Alemanha.

- . Os debates em torno das Artes e Ofícios – Arts and Crafts, na Inglaterra.

- . A Escola Bauhaus, fundada na Alemanha, a partir da Escola de Artes Plásticas do Grão Duque, em 1919, em Weimar e depois transferida para Dessau em 1925. Em 1932 vai para Berlim e, em 1937, migra para os Estados Unidos, sendo chamada de Nova Bauhaus, estruturada no Institute of Design do Illinois, Institute of Technology of Chicago, no MIT - Massachusetts Institute of Technology.

Estas ocorrências definem novas atitudes em relação à criação artística, inaugurando novas poéticas e também novos processos de ensino-aprendizagem em Arte. Neste sentido podemos aceitar o surgimento de um novo projeto pedagógico que chamamos aqui de Modernista.

Este projeto define o processo que as Escolas de Artes Plásticas e Depois de Artes Visuais adotaram a partir de meados do século XX. É também um projeto orientado para o campo da prática construtiva que levou à substituição das Escolas de Artes e Ofícios pelas de Desenho Industrial e depois de Design.

As mudanças de caráter conceitual e poéticos implicam também em mudanças pedagógicas tanto em relação aos conteúdos a serem estudados, quanto nos modos e métodos usados neste novo projeto.

Em grande parte, tais mudanças foram apoiadas pelo surgimento de oficinas nestes contextos pedagógicos.

Pode-se dizer que a substituição dos Ateliers, que tinham um apelo clássico, pelas oficinas, cujo apelo era para a construção, transformação e invenção, contribuiu bastante para a mudança do aspecto pedagógico no ensino de Arte Visual, em especial, para a Pesquisa em Arte.

Neste sentido a ambientação do espaço criativo e construtivo da Arte Visual também mudou.



Com a transformação dos Ateliers em Oficinas, o projeto pedagógico também alterou o conceito espacial e o resultado dos processos.



Oficinas de Artes
Visuais



Desde o final do século XIX as transformações pelas quais a Arte Visual passou definiu as novas tendências estéticas e também mudanças de caráter conceitual. O modo de pensar e fazer arte mudou completamente e o que a tradição clássica defendia como valores absolutos, entraram em crise e deixaram de ser relevantes no contexto da Arte Moderna.

O surgimento de novos materiais e mesmo o uso inovador, exploratório ou criativo de antigos materiais se tornaram também questões de caráter poético e estético. Novas soluções plásticas, proposições temáticas e reflexivas fazem da arte um meio de diálogo contínuo com a contemporaneidade.

As primeiras cinco décadas do século XX viveram transformações substanciais e exponenciais no contexto da arte e definiram grande parte do percurso das décadas posteriores até a chegada do século XXI.

A quantidade de movimentos, propostas, intervenções e ações no contexto da Arte definiram a arte na atualidade.

Neste sentido não há como indicar uma linha de pensamento única e hegemônica neste contexto, mas sim de tentar agrupar em categorias que possam contemplar tendências que marcaram estes primeiros cinquenta anos do século XX entendendo este período como o de uma transição na qual as Vanguardas Históricas são uma referência.

Pode-se dizer que as Vanguardas Históricas são as ocorrências que marcaram a Arte Visual nas primeiras décadas do século XX, especialmente na França.

Neste critério entram o Fauvismo, o Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo entre outros "ismos" que irão definir os novos conceitos de Arte para a contemporaneidade.

Neste sentido o Modernismo não contempla toda a Arte Visual produzida entre o final do século XIX e meados do século XX. Nem todos artistas que atuaram neste período foram modernos e nem todos os modernos viveram neste período. As inovações de caráter técnico e estético sempre ocorreram na Arte Visual, a diferença é que neste período elas ocorreram em maior quantidade.

2

***Final do século XIX: uma
transição do tradicional
para o Modernismo***

Modernismo
Modernidade
Modernista

Estas três palavras definem também variações de conceitos correspondentes à ideia de Moderno, em geral relacionados à de novidade.

Sempre que este termo surge, está associado a algo novo, inovador, atual ou contemporâneo.

No contexto da Arte Visual, define as transformações que ocorreram no final do século XIX para o século XX em oposição à Arte tradicional de caráter acadêmico.

O Modernismo *não é* uma Escola Estilística, um Manifesto ou Movimento Artístico, caracteriza um período de transformações estéticas inovadoras e experimentais.

O que vai caracterizar estas manifestações é o afastamento da arte tradicional clássica ou acadêmica e uma aproximação com novos valores plástico/visuais. Estes valores decorrem da ruptura com o modelo tradicional de arte, da exploração de novos materiais, meios e processos expressivos, bem como da pesquisa de novas poéticas.

O Modernismo instaura o que podemos chamar de *Pesquisa em Arte*, as investigações e explorações de caráter matérico e conceitual que ampliam a relação dos artistas com seus materiais, técnicas, procedimentos e possibilidades. É isto que caracterizará a arte a partir do século XX.

Desde o Realismo, no século XIX, as temáticas já demonstravam uma transformação conceitual razoável migrando dos temas tradicionais como os mitológicos, sacros ou profanos de caráter sensual típicos da tradição artística, para os temas sociais nos quais o ser humano é representado no seu cotidiano, no trabalho e nas querelas sociais.

Em 1863, o Imperador Napoleão III, atendendo aos protestos de vários artistas, cuja participação nos salões oficiais de Paris, realizados anualmente no Louvre, era sumariamente recusada, determina a realização de uma exposição paralela que, pejorativamente, passou a ser conhecida como Salão dos Recusados.

Esta mostra foi a mola propulsora de outras exposições organizadas por grupos de artistas, entre elas, a da Sociedade Anônima de Pintores, Escultores e Gravadores, realizada em 1874, conhecida, mais tarde como do Impressionismo. Boa parte dos historiadores consideram esta exposição como o principal marco das transformações Modernistas.

O nome Impressionismo decorre da alcunha atribuída pelo escritor Louis Leroy ao comentar a obra de Claude Monet: *Impressão - Nascer do Sol*, de 1872:

Impressão, Nascer do Sol -eu bem o sabia! Pensava eu, se estou impressionado é porque lá há uma impressão. E que liberdade, que suavidade de pincel! Um papel de parede é mais elaborado que esta cena marinha".

Portanto, o Salão dos Recusados é instaurador inicial de novos procedimentos artísticos e o Impressionismo seu primeiro resultado formal. Tanto é que os historiadores o consideram o principal marco destas transformações. Deste modo, ele passa a ser o divisor de águas entre o passado tradicional e o presente inovador.

Entretanto, apenas isto não seria suficiente para mudar o modo de pensar mas também de fazer Arte, é necessário que tais orientações fossem incorporadas também aos processos de ensino. A tradição já havia definido um projeto pedagógico eficiente, entretanto, ao contestá-lo, haveria que surgir um outro.

Pode-se dizer que uma nova matriz que instaura um novo processo surge na Alemanha.

Neste sentido devemos levar em consideração dois fatores principais:

1- uma tendência de afastamento da visualidade convencional e acadêmica que motiva os artistas na Alemanha a mudar sua visão e definir o que vem a ser conhecido como Expressionismo.

2- a criação das Escolas de Artes Plásticas, no início do século XX que instauram um processo de ensino-aprendizagem na Alemanha distinto das escolas de Artes e Ofícios, contraponto das Academias, como uma nova proposta pedagógica para investir no desenvolvimento dos processos técnicos e tecnológicos sem se afastar da preservação da artesanaria.

Estas escolas, diferentes de Ateliers, típicos da escola clássica, se orienta por meio de Oficinas.

É o que vai caracterizar também a Escola Bauhaus, criada por Gropius: um ensino centrado em oficinas e em fazeres e habilidades técnicas e criativas e não apenas na capacidade de reprodução e cópia de modelos pré-definidos como parâmetros e valores.

O novo perfil exigido dos artistas contemporâneos não é definido a partir de suas habilidades de reconhecer e reproduzir o visível, mas na sua capacidade de criar, recriar, conceber, reconceber não apenas o visível, mas também aquilo que é invisível, ou seja, a imaginação e não só o imaginário, criando repertórios inusitados e inovadores, fora das figuras do mundo.

Os paradigmas estéticos clássicos não servem mais para os artistas Modernos. Neste sentido, vamos rastrear o percurso de transformação desta mudança de paradigmas. Um deles já se mostrava no Romantismo no qual os artistas abriram mão da performance técnica em detrimento da eficiência expressiva.

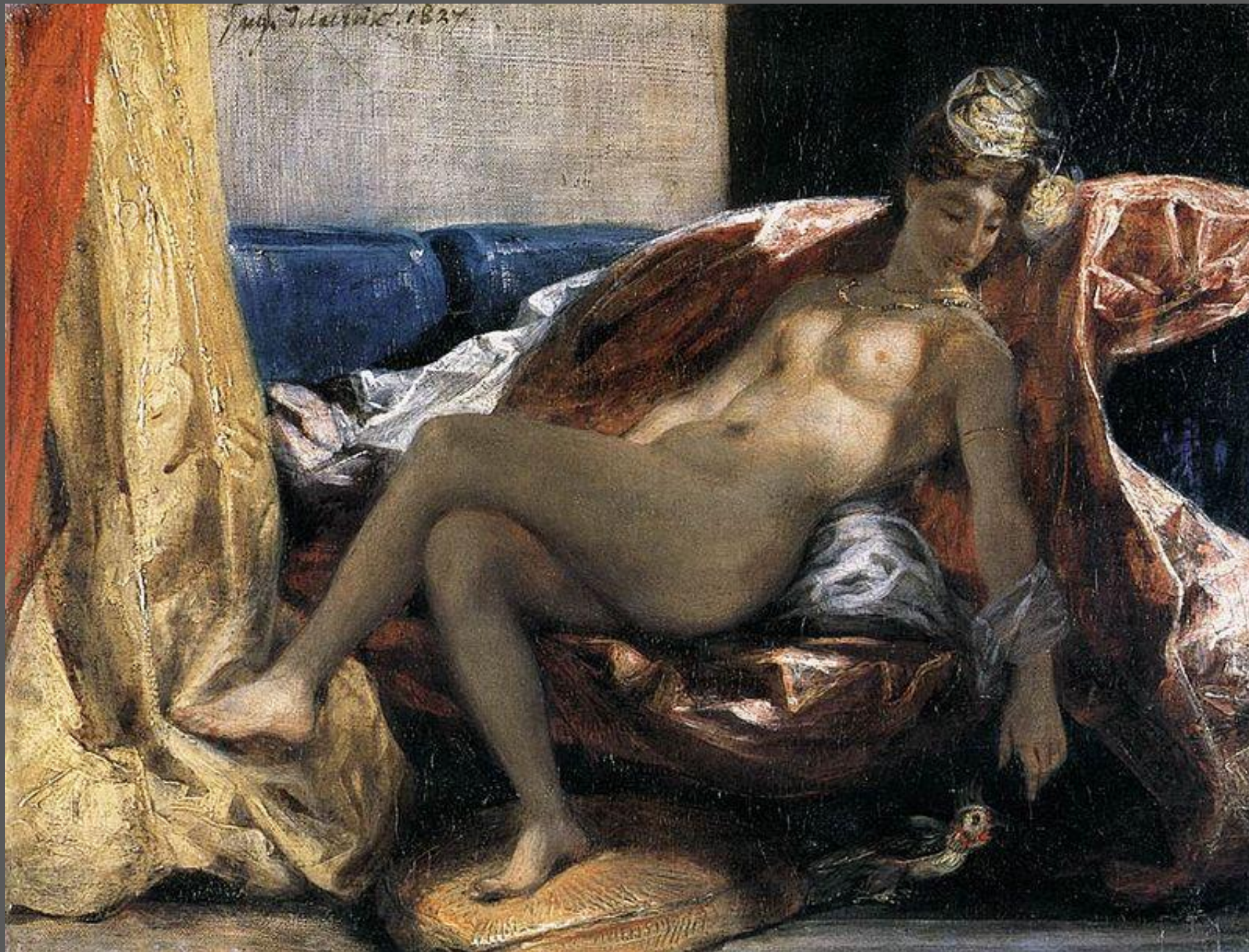
O uso das cores e da plasticidade pictórica sem uma preocupação com a volumetria já definia uma postura de libertação do modelo clássico.

A recorrência a temas mais contemporâneos à sua época (e não da mitologia grega ou romana) era outra destas mudanças.

Vemos isto em Eugene Delacroix.



Delacroix,
Mulheres de
Argel, 1834.



Delacroix,
Mulher com
Papagaio,
1827.

Outra transformação paradigmática foi a mudança radical dos temas e o investimento em aspectos do cotidiano e retratos anônimos. Olhar para o entorno e provocar novas atitudes dos leitores é uma conduta que passa a ser referência no Realismo, por exemplo. Gustave Courbet é um exemplo disso.

É de se supor que os burgueses que mantinham entre seus serviços as pessoas retratadas por Courbet, jamais adquiririam alguma de suas obras, já que não teriam interesse algum em expor em suas residências pinturas que mostrassem estas pessoas ou serviços e não o temas míticos e históricos habituais.



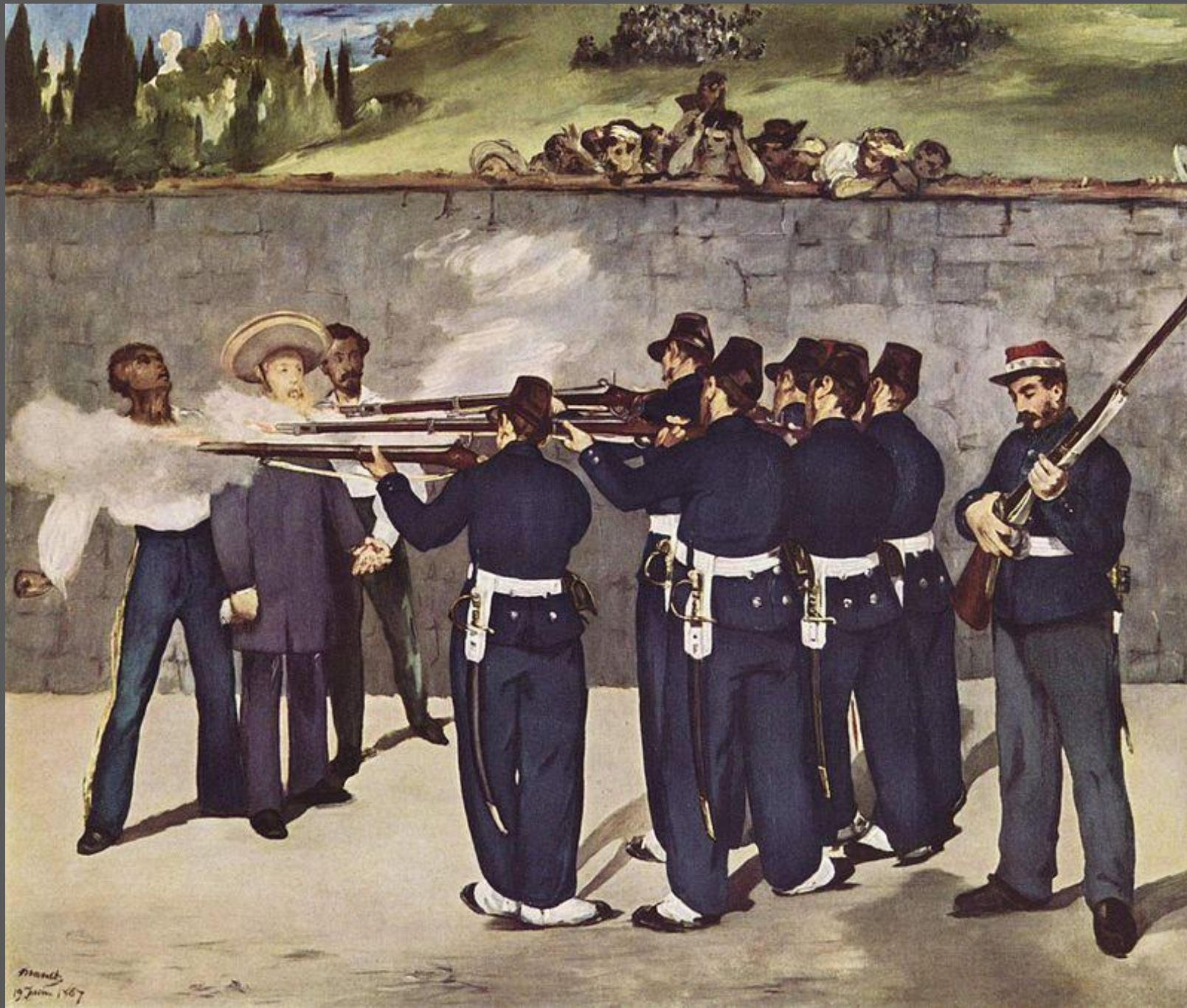
Courbet,
Mulheres
peneirando
Trigo, 1854.



**Courbet,
Depois do
jantar em
Ornans, 1819**

Edouard Manet também merece ser lembrado por tratar de questões de caráter social e político do seu tempo.

Denúncia política e abordagem social são assuntos que tematiza e explora de modo eficiente e convincente.



Manet, A execução do Imperador Maximiliano, 1867.



Manet, Un Bar aux Folies-Bergère, 1881-82.

Entretanto o grande marco deste período é, sem dúvida o Impressionismo. Pode-se dizer que o Impressionismo foi o resultado direto do Salon des refusés, do qual participam os artistas desvinculados da Real Academia Francesa de Pintura e Escultura, realizado em 1863.

A insatisfação com as constantes recusas para participação nos salões oficiais os levam a reivindicar um espaço para mostrar seus trabalhos. Assim surge um salão alternativo, criado pelo Imperador Napoleão III, para acomodar tais obras. Este é o marco instaurador do Impressionismo.